



Amazônia em “Chico Mendes: crime e castigo” – uma caracterização dialógica¹

Eva Maria da Silva ELIZIÁRIO²
Antonio Heriberto CATALÃO JR³
Universidade Federal do Amazonas/ICSEZ-Parintins

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados de uma análise discursiva do livro-reportagem “Chico Mendes: crime e castigo”, do escritor Zuenir Ventura. Teve como objetivo geral responder à questão: como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “Chico Mendes – crime e castigo”. Para tanto, utilizou-se como metodologia de análise de discurso a perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin. Os resultados referem-se à caracterização que o autor faz da natureza amazônica; das relações do amazônida com o meio ambiente; das relações humanas e sociais; e a maneira como é situada a Amazônia em relação ao país. Os aspectos particulares identificados foram articulados em uma compreensão integrada sobre a caracterização que o autor faz da região.

Palavras-chave: Jornalismo; Dialogismo; Amazônia; Reportagem; Livro-reportagem

Introdução

A pesquisa teve como objetivo geral responder à questão: Como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “Chico Mendes - crime e castigo”, de Zuenir Ventura? e, assim, participar do grande diálogo sobre as maneiras como a Amazônia é abordada e “inventada”, em diferentes campos da cultura e da comunicação discursiva.

Se é fundamental, para tal diálogo, abordar a “invenção da Amazônia” em relatos de viajantes, exploradores, missionários, como já o fez a pesquisadora amazonense Neide Gondim (1994), é igualmente relevante compreender a maneira como esse processo ocorre no presente, já que tal invenção corresponde a uma dinâmica contínua sempre retomada em diferentes campos da comunicação discursiva.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação (DT 8/ IJ8), da Intercom Júnior, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 1 a 3 de junho de 2011. O trabalho é o resultado da pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas (FAPEAM), através do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC – PIB-SA/0067/2010) da Universidade Federal do Amazonas.

² Eva Maria da Silva Eliziário é estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas, é graduada em Licenciatura Plenas em Letras – Universidade do Estado do Amazonas (UEA), email: evaparas@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, Dr. em Língua Portuguesa e Língua Portuguesa – FCLA/UNESP, email: catalãojr@yahoo.com.br



Desse modo, foi como enunciado – vale dizer: como a materialização textual de uma enunciação, de um ato de linguagem por meio do qual seu autor insere-se e assume posições particulares na inacabável cadeia da comunicação discursiva – que foi tratado o livro-reportagem, tendo como referencial teórico-metodológico a concepção dialógica da linguagem, tal como ela é proposta por Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006).

Assim, analisando o enquadramento do discurso de outros sujeitos e grupos sociais na narrativa, isto é, as posições assumidas pelo autor, o estudo seguiu os objetivos específicos de identificar como é caracterizado o meio ambiente amazônico; as relações entre o homem e a natureza; as relações humanas e sociais na região amazônica e, ainda, o modo como o autor a situa em relação ao restante do Brasil. Junto com os resultados dessa caracterização, consta aqui uma breve fundamentação teórica que discorre sobre algumas idéias e conceitos centrais que guiaram o estudo e, ainda, o detalhamento do processo de emprego da perspectiva dialógica como metodologia de análise do discurso.

O livro-reportagem: um gênero do discurso sob a concepção do dialogismo

De acordo com a concepção dialógica da linguagem proposta pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006), o diálogo corresponde não apenas ao elemento constitutivo da linguagem e das línguas humanas, mas também a seu modo efetivo de funcionamento na realidade social e material concreta.

Nesse sentido, é no âmbito das relações dialógicas entre sujeitos distintos que se produzem os enunciados, as unidades básicas da comunicação discursiva. Os enunciados são, então, a materialização de uma enunciação, de um ato de linguagem por meio do qual o sujeito insere-se e assume posições particulares na inacabável cadeia da comunicação discursiva.

O comentador José Luiz Fiorin (2006, p. 19) reafirma o pensamento de Bakhtin: “um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por idéias gerais, por pontos de vista”, isto é, os enunciados são sempre réplicas. Nesse caso, o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados, refletindo, assim, a posição de alguém sempre dirigida a outros. Por isso, Bakhtin afirma que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem.” (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006, p.261).

O emprego da língua, por meio de enunciados orais ou escritos, vai sempre refletir condições específicas que cada campo exige: o estilo da linguagem, o conteúdo temático e a



estrutura composicional. Assim, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, aos quais denominamos *gêneros do discurso*.” (Ibdem, p.262).

Isso ocorre porque tudo no texto é intencional e sempre suscita uma resposta. O próprio enunciador, quando elabora os enunciados em determinado gênero, já é um respondente, porque “ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio” (Idem, p.272). Ao fazer uso da linguagem, faz também o uso de enunciados já ditos ou escritos.

Nesse sentido, falar sobre as posições do enunciador em um determinado gênero da modalidade escrita, por exemplo, equivale, portanto, a identificar a voz do autor no enunciado, bem como a maneira pela qual essa voz se posiciona em relação a outras vozes. Assim, qualquer texto é constituído no âmbito de um grande diálogo, tal como ocorre com enunciados do gênero livro-reportagem.

Catalão Júnior (2010), em sua tese sobre o livro-reportagem no Brasil contemporâneo, aborda-o como um gênero do discurso, “um tipo relativamente estável de enunciado”, elaborado em um campo específico da comunicação discursiva (Bakhtin, 2003, p. 262). Concebido sob essa perspectiva, o livro-reportagem, enquanto um gênero do discurso constrói um objeto a partir das relações dialógicas que se dão no âmbito da função jornalística. Assim, todo o conjunto de concepções assumidas por ele constitui-se sempre como respostas a enunciados anteriores. Desse modo, o livro-reportagem, apesar de ter um autor, tem sua origem mais distante em outros enunciados, elaborados por outras vozes, outros sujeitos. É sempre em relação a discursos alheios, portanto, que o repórter estabelece seu olhar e seu discurso próprios acerca do objeto que aborda, a começar pela própria existência deste objeto como algo a ser visado por ele (CATALÃO JR. 2010).

Metodologia

Utilizando-se da perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006) como metodologia de análise do discurso, o livro-reportagem “Chico Mendes: crime e castigo”, *corpus* da pesquisa, foi tratado como enunciado, visando a identificar, compreender e caracterizar as posições assumidas pelo autor em relação à região amazônica.

Tal procedimento metodológico, inicialmente, consistiu na identificação dos diálogos, das referências, das fontes presentes no texto, isto é, as relações dialógicas estabelecidas por Ventura. Ao mesmo tempo, foi realizado um trabalho de análise do modo de



enquadramento desses recursos (discursos) neste gênero que aparecem de forma direta e indireta.

A partir da seleção e registro desses discursos de Ventura, passou-se a identificar e analisar os posicionamentos, as concepções sobre a Amazônia presentes nesses discursos, especificamente, aqueles relacionados à caracterização que o autor faz do meio ambiente da região; à caracterização das relações do homem amazônida com este meio ambiente; à caracterização das relações humanas e sociais na região; e, finalmente, ao modo como a Amazônia é situada no espaço territorial brasileiro e no mundo. A partir desses aspectos particulares obteve-se uma compreensão integrada sobre a caracterização que o autor faz da região.

Resultados e discussões

O autor e a natureza amazônica

Na caracterização da natureza amazônica, no livro-reportagem “Chico Mendes: Crime e castigo”, Zuenir Ventura (2003) evoca sempre a predominância de um meio ambiente selvagem. Os obstáculos apontados, o medo, as descobertas extraordinárias, são traços observados na voz do autor quando descreve a natureza amazônica.

Com base na constatação desses traços e nas inferências de Neide Gondim (1994) sobre o dualismo inferno/paraíso, projetado nas obras teóricas e nas narrativas de viajantes, pode-se dizer que Ventura - apesar de não afirmar isso na obra - descreveu a natureza amazônica a partir de uma perspectiva semelhante à do “inferno verde” de Rangel (2001), em que a floresta é concebida como um grande obstáculo para a ação humana.

Ventura, um jornalista vindo do Rio de Janeiro, com base nas suas próprias experiências vividas durante a sua estadia no Acre, tem uma visão mais moderna sobre a natureza, não entoia o réquiem à natureza, mas indica uma natureza que dificulta a convivência humana. Os discursos do autor indicam constantemente surpresa, inquietação e desconforto com os aspectos naturais do lugar.

Quando, por exemplo, se refere ao clima amazônico, é notório o seu desconforto com o calor da região: “... conseguiu do Tribunal de justiça um aparelho de ar condicionado porque o calor é insuportável.” (p.65). “Eu não agüentava mais de calor e de sono.” (p.84). Mesmo quando apresenta satisfação e surpresa com os momentos em que não fazia calor na região, Ventura deixa implícito esse descontentamento: Dentre os discursos que ilustram essa questão, foi recortado este, que é bem enfático:



Chegamos ao presídio às 13:30 de um sábado inacreditavelmente frio, graças a uma súbita inversão térmica, a friagem, que ocorre raras vezes por ano no Acre. De um dia para o outro, os termômetros caíam quase trinta graus. O advogado calculou que devia estar menos de dez graus, e principalmente o meu nariz acreditou, enquanto meus olhos duvidavam daquela paisagem incongruente: pessoas agasalhadas, tiritando de frio, cobertas pela poeira tropical. Não podia ser a Amazônia. (p.139).

Nos comentários dispensados à caracterização dos rios da Amazônia, também há uma inquietação de Ventura, que não se reporta às potencialidades imaginárias desses rios, mas às grandes distâncias fluviais que tinha que percorrer para se locomover na região: “O rio Acre em Xapurí é tão indolente que em alguns trechos, certamente por preguiça, ele nem se dá ao trabalho de indicar se está descendo ou subindo...” (p.42); “Descendo o lerdo e barrento rio Acre naquela tarde [...] eu continuava admirando Chico Mendes...” (p.56).

Como se vê, Ventura enfatiza o seu estranhamento com a questão natural dos rios terem seu curso conduzido independentemente da ação humana. Tal estranhamento é mais forte nos discursos referentes à fauna amazônica, quando a visão do “inferno verde” é mais visível. O autor dá ênfase, por exemplo, à presença constante dos mosquitos: “a camiseta de mangas compridas e um tubo de antialérgico não afugentavam os mosquitos...” (p.94); “Mas os mosquitos da Amazônia lembram um pouco a poluição das praias cariocas. Quem chega acha que a convivência é impossível, depois se acostuma ou cria anticorpos. (p.77).

Percebe-se que o autor mostra-se incomodado com a presença constante dos mosquitos. No recorte que se segue, quando o autor se refere a animais mais selvagens, também é evidente o seu desconforto:

Com fobia doentia de cobra, a ponto de não poder vê-las nem em foto, procuro controlar o meu pânico enquanto vou ouvindo as lições de Nilson [...]: “É preciso tomar cuidado porque você pode estar pegando sem saber uma tucandeira, um escorpião ou uma papagaia”. Dos três eu só conhecia escorpião, do qual não tinha boas recordações: meu pai já fora mordido e sempre dizia que a dor era insuportável. (p.202)

O recorte engloba a indicação de uma série de bichos em um único diálogo e refere-se à situação vivenciada por Ventura, quando visitou alguns seringais. O restante do diálogo enquadrado na narrativa de modo direto fornece detalhes minuciosos de cada um desses bichos, em que autor transmite o seu sentimento de medo, a partir de uma descrição assustadora.



Outra caracterização indicativa de uma natureza amazônica selvagem fica evidente quando o autor se refere à vegetação do lugar. Apesar de não dispensar muitas descrições sobre esse aspecto natural, Ventura apresenta alguns discursos que indicam uma vegetação densa na Amazônia, como nos comentários sobre as árvores: “A floresta é escura e ameaçadora. Para disputar a luz do sol, as árvores atingem alturas inacreditáveis.” (p.116); “... olhei para cima e não vi o céu, só árvores, milhares, enormes.” (p.202, grifo meu).

A partir dessa descrição e ainda no fato de que o autor evoca sempre na narrativa os termos selva, mata, floresta, verifica-se que Ventura sugere uma natureza selvagem e misteriosa, que se desenvolve sem controle, não civilizada, não domesticada, feroz (animalesca) (INSTITUTO ANTONIO HOUAISS, 2001). No trecho que se segue, essa concepção é mais evidente, O autor considera o local tomado por “obstáculos”, e o homem amazônico como um bicho do mato, por conseguir conviver nesse ambiente de “obstáculos”.

Mas para isso seria preciso transpor uns trezentos metros de trilha, ou melhor, “picada”, com tocos de árvores pelo chão, galhos ameaçando os olhos, troncos atravessados, folhas espalhadas, uma série, enfim, de obstáculos que um bicho do mato tira de letra e um bicho do asfalto considera quase impossível. (p.201).

Em síntese, verifica-se que a todo momento Ventura aponta uma natureza mais propícia aos bichos. Talvez por isso, em diversos outros trechos, ele use muito as expressões “selva”, “mata” e “floresta”, enfatizando sempre o estranhamento da convivência do povo junto a essa natureza. Em nenhum momento o autor põe em destaque uma natureza bela e bucólica, onde se pode ter prazer em conviver em harmonia com os bichos e com a mata. O que prevalece no texto é sempre a concepção do inferno verde, um lugar difícil de viver, isto é, o autor indica um meio ambiente amazônico inóspito.

O amazônica e a natureza amazônica

Ao descrever a Amazônia como o cenário de um mártir - Chico Mendes - Zuenir Ventura delinea as relações estabelecidas entre o homem e a natureza do lugar. Trata-se de uma caracterização que enfatiza a região com uma grande diversidade de riquezas naturais sofrendo as intervenções humanas, por meio de atividades de exploração econômica. Assim, o território acreano é descrito como o palco de constantes disputas entre um povo “integrado” à natureza (os seringueiros, ribeirinhos, índios) e um grupo “estrangeiro” a essa natureza (latifundiários, madeireiros e agropecuários).



O trecho que se segue evidencia este primeiro grupo, o homem que utiliza os recursos da natureza para o suprimento de suas necessidades: “Pequena clareira na floresta onde os seringueiros vivem e trabalham na extração do látex, na coleta de castanha e no plantio de agricultura de subsistência.” (p.50). Já neste, Ventura destaca os “estrangeiros – homens vêm com estranhamento a natureza do lugar – aqueles que almejam grandes extensões de terra: “Os dirigentes da UDR, entre outros fazendeiros, pressionavam o convidado para que ele revogasse a suspensão de um desmatamento de mil hectares na Fazenda Paloma.” (p.98);

Seja com o discurso de preservação, seja com o discurso de devastação, Ventura deixa em foco um povo que busca o desenvolvimento social a partir de maneiras diferentes de se relacionar com a natureza. No trecho que se segue, por exemplo, a região amazônica é tida como fronteira de recursos para as simples necessidades do povo e para setores econômicos estabelecidos fora da região, como nestes recortes:

Não por acaso, tem recrudescido na Amazônia a biopirataria, a espionagem científica, o contrabando, a apropriação de fórmulas medicinais e de recursos fitoterápicos. “Não existe indústria de remédio daqui para frente sem o conhecimento tradicional, que é prático e ao mesmo tempo simbólico, mas sobretudo real. Por isso está sendo roubado.” (p.189).

Nota-se que Ventura menciona os que conhecem os produtos com valores fitoterápicos, na região, mas que fazem uso disso apenas para algumas necessidades e não como uma atividade rentável, como fazem os exploradores ilegais, que vêm nesses produtos um importante dinamizador econômico. Tal discurso coloca em evidência a ausência de políticas públicas voltadas para a sustentabilidade da Amazônia, o que pode ser considerado um grande incentivo à relação conflituosa na região. O assassinato de líderes ambientalistas como Wilson Pinheiro e Chico Mendes são apontados como os efeitos trágicos dessa relação. O recorte que se segue também é enfático quanto a essa questão:

Quero apenas que meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços sob a proteção da *Polícia Federal do Acre* que, de 1975 para cá, já mataram mais de 50 pessoas como eu, líderes seringueiros empenhados em defender a Floresta Amazônica. (p.67 e 68, grifo meu)

Utilizando-se dessa fala de Chico Mendes, em que aparece até mesmo o nome da Polícia, o autor evidencia a vulnerabilidade daqueles que vão de encontro com as ações



predatórias e, ainda, o avanço de atividades clandestinas consolidando-se a partir da impunidade e da conivência de pessoas envolvidas com setores públicos.

Mesmo em 2003, quando revisita a região, Ventura, apesar de evidenciar algumas diferenças nas relações do homem com a natureza, revela que alguns problemas ainda se repetem. Apesar de indicar um clima mais calmo entre os extrativistas e os fazendeiros, não indica grandes mudanças, mas a dificuldade de viabilização da ação dos “integrados” e o avanço das ações dos “estrangeiros” sobre a natureza.

Quando vi na estrada Rio Branco – Xapuri caminhões carregando toras de madeira supostamente certificadas, perguntei desconfiado, como seria possível controlar aquele fluxo. Me veio a lembrança de um dos entrevistados: “Ninguém desmata por prazer”. Haja escrúpulo e espírito público para resistir à tentação do lucro imediato. (p.223).

O modelo de desenvolvimento está no centro das divergências. Os dois produtores não acreditam no futuro da atividade extrativista [...] “a verdade é que a atividade florestal ainda não se mostrou viável economicamente” (p.220).

Os recortes indicam que o autor continua afirmando o avanço de atividades desordenadas e o desafio de sustentabilidade na região, ficando evidente aí que o impasse entre os dois modelos de intervenção humana na natureza, antes muito acirrados, ainda prevalece, de modo mais sutil, mas muito forte. Permanecem as ações dos “integrados” primando pela conservação dos recursos da floresta, bem com os interesses econômicos dos “estrangeiros” guiando as suas ações de exploração da natureza.

As relações humanas e sociais na região amazônica

Os discursos referentes às relações humanas e sociais na região amazônica deixam em foco a carência de implementação de políticas públicas voltadas para as necessidades da população, suscitando, assim, diversos problemas sociais, principalmente no que se refere ao modelo de desenvolvimento vigente no lugar, no sentido de maior justiça social e no uso racional e conservacionista dos recursos da natureza.

O ponto central da obra de Ventura, de onde são desencadeadas e descritas todas as demais relações humanas e sociais que se passam no lugar, é a luta dos tradicionais povos da região (seringueiros, índios, ribeirinhos) contra os poderosos interesses de fazendeiros e



pecuaristas da região. Luta que ilustra bem a disputa pelo monopólio e, conseqüentemente, as desigualdades sociais na região.

Este primeiro é descrito como um povo que se articula de modo independente para realizar seus projetos. Os trechos que se seguem apresentam algumas das relações desenvolvidas por esse povo: “Principal bandeira de Chico Mendes, as *Reservas Extrativistas* são áreas pertencentes à União com usufruto dos seringueiros [...] dão sustento aos milhares de famílias que trabalham nelas.” (p.79, grifo nosso). “O *Projeto Seringueiro*, em seis anos construiu 23 escolas, sete a mais do que o município em mais de um século.” (p.81, grifo meu).

À medida que Ventura põe em foco essas iniciativas organizadas pela população para garantir a gerência dos recursos ambientais, a geração de renda e melhores condições de vida, explicita a ausência de projetos socioeconômicos na região e, principalmente, o fato dessas iniciativas não receberem apoio do poder público, a julgar pelo que diz o repórter, atua em conluio com os interesses dos grandes proprietários de terra: “Uma política estratégica do governo e dos fazendeiros é deixar o seringueiro em total miséria, lá no meio da selva para que ele se desestime e venha para a cidade.” (p.82).

As relações de convivência de muitos representantes do setor público com as ações de fazendeiros da região são sempre focadas pelo autor, inclusive, as ações ilegais. E aí fica em evidência uma gente perseguida, que convive com a impunidade e com a violência:

Chico enviou três telex: para o governador, para o *secretário de Segurança e para Romeu Tuma*. Ele denunciava que os pistoleiros Darly e Alvarino continuavam soltos tramando sua morte [...] outros telex eram remetidos: para Romeu Tuma, para *Paulo Brossard, então ministro da justiça*, e para o *presidente José Sarney*. A mesma tecla: elementos ligados a UDR estavam tramando a eliminação do líder seringueiro. Igual silêncio. (p.67, grifo meu)

Quando cita esses nomes, Ventura ilustra a situação caótica do setor jurídico na região e a ausência de políticas públicas. O amazônida é, então, retratado nessa situação como aquele que arma suas próprias estratégias de sobrevivência. As práticas e modelos tão tradicionais na região indicados por Ventura foram analisados aqui como ilustrativos dessa questão:

Assis contou o trabalho que os agentes tiveram para, “sem violentar a tradição”, conscientizar a população da floresta, principalmente as parteiras e os curadores, de que há certas doenças que não se curam com reza, como o mal do sétimo dia. (p.81).



Altino Machado, me telefona para dizer que está marcada a minha ida ao Daimé [...] sugere que eu reze e que vá com o pensamento positivo. “Se você for merecedor” [...] Terá miração e botará seus males para fora.” (p.117).

É possível inferir, assim, que na Amazônia as relações humanas e sociais ainda são povoadas por conhecimentos “tradicionais”. Saberes comuns do povo são usados para a solução de problemas do dia-a-dia e preencher a lacuna deixada pelo setor público da saúde, como também faziam os monitores do Projeto Seringueiro.

Outros modelos sociais de caráter tradicionalista são enfatizados pelo autor. A imagem repassada sobre alguns aspectos da relação conjugal do amazônida revela ares de machismo; da mulher com subserviente ao marido; da bigamia; do grande número de filhos. O recorte que se segue ilustra essa observação: “O terceiro dia do encontro é das mulheres seringueiras, que criticam os maridos por serem machistas e ciumentos. Eles teriam herdado o moralismo tradicional dos cearenses, que colonizaram o Acre.” (p.113). Observe-se ainda:

Darly Alves da Silva já era famoso nas redondezas de Xapuri por histórias que lhe atribuíam uma lendária virilidade, confirmada e exaltada por suas cinco mulheres [...] Com elas, ele teve treze filhos, embora admita que seja pai de “mais ou menos vinte e dois”. (p.152).

A Amazônia é, então, mostrada como um lugar que ainda abriga relações sociais muito arcaicas: o homem como superior à mulher; a virilidade e a fertilidade que o homem comprova no fato de ter várias mulheres ou no grande número de filhos, enfim, são diversos modelos de caráter antiquado, mas que são muito influentes nas relações do povo amazônida. Quando caracteriza um momento mais contemporâneo da Amazônia, em 2003, Ventura não apresenta mudanças sociais significativas. Transparece mais contrastes nos discursos:

O inchaço criou um caldo de cultura propício à exploração da miséria por meio da violência: prostituição, drogas, contrabando. A outra causa está ligada ao que Nilson disse: a melhoria das estradas facilitou a conexão do narcotráfico com poderosos centros produtores de cocaína como Bolívia, Colômbia e Peru. (p. 215 e 216).

Em outros discursos do livro, como nesse, o autor transmite a imagem de um espaço amazônico evoluído, diferente, mas não menos contrastante. Não são mudanças no sentido de maior autonomia econômica da população, geração de emprego e renda e qualidade de vida.



Como se vê no discurso anterior, as mazelas sociais são bem mais notórias e aparecem como sintomas das dificuldades de gerenciamento do poder público na região.

A Amazônia e o Brasil

Como cenário de sensações e impressões registradas por Zuenir Ventura nos anos de 1989, 1990 e 2003, a região amazônica é situada, de uma forma singular, em relação ao restante do Brasil e até do mundo. Os discursos, em sua maioria, acompanhados de estranhamentos, acabam situando a Amazônia como um lugar afastado e distante em relação ao país, portanto, arcaico e atrasado.

Em vários discursos, Ventura transmite uma Amazônia que causa fascínio e curiosidade por ter aspectos de uma selva: a presença de índio, mato e bichos. E aí o autor situa a Amazônia como uma região selvagem, não muito propícia à convivência humana. Tanto é que no final do livro, o autor faz a seguinte indagação:

A permanência de Chico Mendes quinze anos depois de sua morte só reforça um mistério que não consegui decifrar: como foi possível nascer e crescer no meio da floresta, num pequeno canto verde que cremos mais propício aos bichos e às plantas, um exemplar tão fecundo da espécie humana? (p.230)

O estranhamento do autor deixa a impressão de que a Amazônia não é lugar para um homem como Chico Mendes, com tanto atributos, justamente por ser um local selvagem, longínquo, sem o contato com os centros urbanos do país. O mesmo se percebe nestes recortes: “A *incrível* presença de estrangeiros na capital do Acre em fins de março, durante o Segundo Encontro dos Seringueiros (...)” (p.34, grifo nosso). “Na noite seguinte à chegada, eu estava na mesa de um restaurante que *mais parecia do Rio de Janeiro ou São Paulo, pela badalação.*” (p.112, grifo meu). Os recortes transmitem a ideia de que tais situações não são comuns na Amazônia. Mesmo referindo-se ao ano de 2003, Ventura deixa transparecer essa mesma impressão:

Rio Branco já tem direito até a nostalgia bucólica. Há quem reclame do progresso, “dos carrinhos de supermercado em detrimento de carregar sacolas pelo velho mercado central”. O lamento é de um cronista local: “O acreano de hoje faz rodinha em nossos arremedos de shopping, frequenta com prazer as pizzarias, boates e outros bunkers da moda, com a mesma desenvoltura que *paulistas e cariocas* trafegam por sua selva de pedra, tão contrária à nossa. No novo Acre, computador, internet e celular começam a invadir aldeias indígenas e seringais. (p184, grifo meu).



O tom nesse discurso também é de estranhamento, como se a região não fosse lugar para comportar a evolução tecnológica e outros modelos sociais. Até mesmo as situações de violência na região são indicadas como anormais. Ventura as expõe como problemas próprios de centros urbanos. O trecho que segue ilustra essa observação, é a voz de Ventura diante de um “Manifesto pela Paz” realizado por estudantes e autoridades nas ruas: “*Não era possível. Em pequena escala, parecia a repetição do que eu vivera semana antes em Copacabana [...] Que é isso, Júlio, nossa Xapuri virou cidade grande?! Violência urbana cara*”. (p.193, grifo meu).

Pode-se dizer, assim, que Ventura situa a região como um lugar pacato e longe dos problemas sociais. Na verdade, o autor faz comparações, sempre enfatizando a supremacia dos centros mais urbanos do país em relação à Amazônia, que acaba sendo situada como um lugar em que os modelos sociais de outros lugares, as modernidades demoram a chegar. Essa concepção de afastamento e isolamento da região é tão forte que Ventura mostra-se impressionado até mesmo com as influências que a cultura amazônica recebe:

Curiosa terra essa em que *o insulamento* – metade do ano só se chega aqui de avião – forjou um *povo cheio de si*, mas não *ensimesmado*. Parece uma capital do Rio de Janeiro – como alias sempre pareceu. Aquelas fotos do início do século, com os homens de colete e casimira e as mulheres de chapéu, não são mimetizações da Europa, mas influência carioca. (p.103, grifo meu).

Analisando esse discurso e principalmente o significado dos vocábulos destacados, verifica-se que Ventura deixa implícito algumas indagações como estas: Como um povo que vive tão distante, isolado, consegue incorporar modelos culturais do Rio de Janeiro? Como pode esse povo, ser cheio de si? Como pode esse povo, que vive tão afastado de outras culturas, não ser um povo “ensimesmado”, isto é, não ser um povo retraído, mas um povo comunicativo?

Quando Ventura volta-se para a centralidade na temática ambiental, apontando a região como detentora de diversos recursos naturais, essa imagem de afastamento e atraso da Amazônia também pode ser verificada. Nos trechos que se seguem, por exemplo, o autor enfatiza a escassez de subsídios necessários para transformar os recursos naturais disponíveis em potenciais econômicos, como possuem os “olheiros” do exterior, com seus interesses lucrativos:



... a biopirataria na Amazônia é um fato, os gringos chegaram na frente, e, pelo menos desde os anos 80 pesquisam propriedades e substâncias da secreção do sapo verde [...] Já se encontra uma dezena de registros e patentes no Japão, Itália, França, Israel e, principalmente, EUA. (p.186 e 187).

Sua tese é que essa região abriga, como nenhuma outra, os três fatores fundamentais para o futuro da humanidade [...] a sociodiversidade, a água e biodiversidade. Segundo ele, esses elementos só existem em sistemas naturais do tipo da Amazônia (p.188).

A Amazônia é situada como a região que abarca a solução para diversos problemas do mundo, por conseguinte, um lugar alvo de interesse capitalista. A prática da biopirataria mencionada pelo autor reforça essa idéia e ao mesmo tempo sugere a existência de um acesso fácil à região, situando-a, assim, como uma “terra sem lei e sem dono”, eis que Ventura destaca uma Amazônia mal cuidada. Estes trechos transmitem essa impressão: “... xingavam os brasileiros de ‘assassinos’ e até os hambúrgeres do McDonald’s estavam sofrendo uma campanha, sob o pretexto de que a carne era de boi criado em fazendas que devastavam a floresta.” (p.97). “Camelo começava dando boas-vindas ‘à gritaria internacional’, pois reconhecia que era graças e ela que se verificara que ‘de fato estamos explorando a Amazônia de forma predatória e irresponsável.’” (p.101).

Como se vê, aos discursos evocam uma terra que tem seus recursos mal gerenciados, portanto, uma região vulnerável às ações predatórias. Ventura põe, assim, em foco uma situação de atraso na região, um lugar sem condições necessárias para a efetivação do desenvolvimento social a partir de algo único que é de sua propriedade e que é tão cobiçado pelo mundo todo, a natureza. Estes trechos são bem mais enfáticos quanto à indicação de uma Amazônia como uma terra sem lei:

Genésio Ferreira da Silva é um cidadão precoce que o destino tentou pela convivência e pelo exemplo transformar em pistoleiro. Mas nem isso nem a condição de testemunha-chave do processo Chico Mendes evitaram o desamparo e a solidão de uma criança que resolveu escolher o atravancado caminho da legalidade numa terra onde ela não pegou. (p.31).

Durante os quatro dias de julgamento pôde-se assistir ao emocionante espetáculo da Justiça chegando ao Acre, depois de décadas de impunidade, para arbitrar entre o choque do avanço que significava Chico Mendes e o atraso que representava a família Alves da Silva, a luta entre o Brasil moderno e o arcaico, entre civilização e barbárie. (p.124).

Ventura é bem enfático em dizer que a Amazônia é um lugar de ilegalidade. O julgamento de Chico Mendes é situado como um marco da justiça. E mais uma vez, a



Amazônia é situada como lugar de modelos obsoletos: o conflito entre líderes ambientais e os fazendeiros na disputa pela terra. De um lado o avanço e de outro o atraso, respectivamente, o Brasil arcaico e o moderno, civilização e barbárie. Acredita-se, assim, que Ventura apresenta a situação de injustiça na Amazônia para reforçar a imagem de atraso e do arcaico.

Com base nos estranhamentos de Ventura com a realidade do lugar em relação à realidade de outros lugares “mais urbanos”, quando utiliza idéias tão antigas e tão atuais sobre a Amazônia, chega-se a conclusão de que diversas concepções que o autor tinha do lugar, antes de conhecê-lo foram preponderantes nas suas descrições, situando-o, em relação a outras partes do país, como um lugar afastado, distante, pouco desenvolvido e com modelos socioculturais ainda muito arcaicos.

Considerações

O estudo teve o objetivo geral de contribuir para a compreensão de como a Amazônia é caracterizada no do livro-reportagem “Chico Mendes’: crime e castigo”, do jornalista Zuenir Ventura. Identificando a voz do autor no enunciado, a maneira pela qual essa voz se posiciona em relação a outras (explicitamente presentes no texto, por meio de menções e referências diretas, ou não), espera-se ter alcançado essa meta a partir do cumprimento dos objetivos específicos propostos.

Quanto à caracterização da natureza amazônica, pôde-se perceber que os discursos indicam sempre uma natureza selvagem. Os obstáculos apontados por Ventura, os perigos que ele diz ter enfrentado, a angústia, o medo, as descobertas extraordinárias, são traços observados na voz do autor quando descreve a natureza amazônica, indicando-a como uma natureza mais propícia aos bichos e não à convivência humana.

No que se refere à caracterização das relações entre o homem e a natureza da região, os discursos enfatizam a Amazônia com uma grande diversidade de riquezas naturais sofrendo as intervenções humanas. De um lado as atividades extrativistas, que primavam pela preservação dos recursos naturais e de outro, as ações dos grandes latifundiários, madeireiros e agropecuários, indicados como o grupo que age de forma desordenada e predatória sobre a natureza.

Já a caracterização que o autor faz das relações humanas e sociais na região amazônica são suscitadas pelo autor como resultados da falta de políticas públicas voltadas para as necessidades da população, transmitindo, assim, a imagem de um espaço amazônico de relações sociais contrastantes, onde o povo constrói suas próprias estratégias para



sobreviver e conviver com os diversos problemas sociais na região resultantes da ineficiência de gerenciamento do poder público.

Os discursos, em sua maioria, acompanhados de estranhamentos, acabam situando a Amazônia como um lugar afastado, em relação ao país, portanto, arcaico e atrasado. Por meio de comparações das realidades da região com as de outros lugares do país, Ventura destaca uma situação de atraso na região, um lugar sem subsídios necessários para a efetivação do desenvolvimento social.

Considera-se que a pesquisa participou do grande diálogo presente na obra de Ventura, isto é, possibilitou a identificação das posições assumidas pelo autor - as falas alheias utilizadas, afirmadas, negadas, confirmadas - apresentadas aqui como comprovação das relações dialógicas que constroem a Amazônia como realidade semiótica. Espera-se que os resultados possam contribuir para uma compreensão integrada sobre a caracterização da Amazônia no livro de Zuenir Ventura.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CATALÃO JR, A. H. **Jornalismo Best-Seller**: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. 2010. 252f. Dissertação (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara – SP. Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita Filho”.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GODIM, N. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero. 1994.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Minidicionário Houaiss da língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.671.

RANGEL, A. **Inferno Verde**. 5 ed. Revista Manaus: Editora Valer, 2001.

VENTURA, Z. **Chico Mendes**: crime e castigo. São Paulo: Companhia de Letras, 2003.